



## **Nacionalismo e cosmopolitismo nas *Americanas*, de Machado de Assis<sup>1</sup>**

### ***Nationalism and cosmopolitism in Americanas, by Machado de Assis***

José Américo Miranda<sup>2</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais/ Brasil

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo/ Brasil

bmaj@uol.com.br

**Resumo:** O terceiro livro de poesias de Machado de Assis, *Americanas*, sempre foi considerado pelos críticos uma adesão tardia do poeta ao indianismo romântico. A qualidade insuperável do livro, entretanto, exige que se o reexamine com mais cuidado. Este artigo procura compreender o contexto e o campo de forças em que a obra surgiu. Entre 1870 e 1875, após críticas severas à ausência de sinais da nacionalidade em seu segundo livro de poesias, *Falenas*, Machado de Assis dedicou-se a composição dos poemas que apareceram em *Americanas*. O resultado da incursão nesse campo é um entendimento insuspeitado antes do esforço interpretativo realizado aqui, neste artigo.

**Palavras-chave:** Poesia brasileira; nacionalismo literário; Machado de Assis.

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte de um texto mais extenso, preparado por ocasião do Pós-Doutorado na Universidade de São Paulo (USP), em 2010/2011. O texto foi agora reformulado, no âmbito da pesquisa que venho desenvolvendo com bolsa do CNPq e apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), para publicação.

<sup>2</sup> Pesquisador DCR (Desenvolvimento Científico Regional) do CNPq, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

**Abstract:** Machado de Assis' third poetry book, *Americanas*, has always been considered by critics as a late adherence of the poet to Romantic Indianism. The unique quality of the book, however, demands that it be re-examined more carefully. This article seeks to understand the context and field of forces in which the piece of writing emerged. Between 1870 and 1875, Machado de Assis devoted himself to the composition of the poems that appeared in *Americanas*, as a result of severe criticism against the absence of signs of nationality in his second book of poetry, *Falenas*. The analysis points to an understanding of Machado's poetry that has not been found elsewhere.

**Keywords:** Brazilian poetry; literary nationalism; Machado de Assis.

*Americanas* (1875), terceiro livro de poesias de Machado de Assis, representa um paradoxo, cujo sentido nunca foi de todo compreendido. Estudiosos da obra machadiana – ainda os poucos que levaram em consideração a sua poesia – não lhe atribuem grande importância.

Lúcia Miguel Pereira o tomou por “traição”, pois, segundo ela, o que fez de Machado de Assis um poeta foi seu “desejo secreto de expansão”; em suas palavras, o poeta “só foi grande na poesia íntima, confidencial”. Para ela, ele “foi poeta porque sofreu, mas nunca conheceu o verdadeiro estado de graça poético” (PEREIRA, 1988, p. 126 e p. 127). E em *Americanas* nada havia de pessoal, de íntimo, de confessional. Consequentemente, nenhuma poesia que pudesse interessar a quem quer que seja.

Manuel Bandeira, que reconheceu nos poemas dos livros *Crisálidas* (1864) e *Falenas* (1870) “certa elegância nova no cuidado da forma, tanto na linguagem como na metrificação e nas rimas”, julgou que o apuro formal era ainda maior em *Americanas*, livro em que entendeu haver uma “tentativa de revivescência do indianismo” (BANDEIRA, 1997, p. 406-407).

Wilton Cardoso, utilizando as mesmas concepções, aproximadamente o mesmo quadro de referências, julgou que o livro foi uma “episódica aventura”, em que o poeta “pagou o seu tributo ao indianismo do tempo, e onde dificilmente poderiam ocorrer expansões subjetivas” (CARDOSO, 1958, p. 20). Para a perspectiva adotada pelo professor Wilton Cardoso, só *Crisálidas* e a primeira parte de *Falenas* tinham interesse. Segundo ele, *Americanas*, “com ser obra singular na

bibliografia machadiana, representa a concessão do autor a uma temática da moda sob cuja sombra se despersonalizou” (CARDOSO, 1958, p. 67).

Mais recentemente, Cláudio Murilo Leal, retomando o interesse pela obra do poeta, em seguida ao descaso, que cita, de Wilton Cardoso, reagiu, reafirmando a singularidade da obra: “Mas não deixa de ser intrigante o caso de um poeta, que sempre evitou o pitoresco e o exótico, ter-se aventurado na retomada de uma já esgotada vertente indianista” (LEAL, 2008, p. 120).

José Luís Jobim, em estudo também relativamente recente, levando em conta que o “horizonte de leitura do público de então ainda mantinha vivo como referência familiar o Indianismo”, afirmou: “As *Americanas* são um legítimo descendente do Indianismo, esta vertente do Romantismo que até hoje é vista como exemplo destacado do nacionalismo romântico no Brasil” (JOBIM, 2008, p. 119 e p. 115).

Miriã Xavier Benício, por sua vez, introduz uma diferença na interpretação do livro, embora a diferença por ela apontada seja de natureza ideológica:

São textos de valor poético inquestionável (excetue-se a esse comentário o poema *Os Semeadores*), muitos revestidos de uma severa crítica ao processo de desculturação do indígena, cujo universo de sofrimentos e conflitos, em consequência da intervenção do homem branco, o poeta denuncia, sem se deixar seduzir pelas asas da imaginação idealizadora romântica. (BENÍCIO, 2007, p. 101)

A exceção de “Os semeadores”, canto de elogio aos feitos jesuíticos no século XVI, só pode justificar-se por antijesuitismo idiossincrásico, por visão anacrônica da matéria poética; o poema é um reconhecimento de que o Brasil do tempo de Machado de Assis (e do nosso) resultou da ação colonizadora, que, nos primeiros tempos, não fossem os jesuítas, implicaria o extermínio total (e não a aculturação de parte deles) dos primitivos habitantes da América. Veja-se a estrofe inicial:

Vós os que hoje colheis, por esses campos largos,  
 O doce fruto e a flor,  
 Acaso esqueceréis os ásperos e amargos  
 Tempos do semeador? (ASSIS, 1976, p. 412)

O poema não é desprovido de qualidades: formalmente não apresenta senões; é composto por seis quadras em versos alexandrinos alternados com hexassílabos, cada um rimando com o de seu mesmo metro, segundo o esquema AbAb. Há, nele, versos de excelente qualidade, como este – “Ó Paulos do sertão! Que dia e que batalha!” (ASSIS, 1976, p. 413) –, que hoje se pode qualificar de “retórico”, mas a poética do tempo o admitia sem restrições; e não pode o nosso tempo desrespeitar outros tempos. O mesmo poeta que compôs esse verso escreveria sobre Castro Alves, no ensaio “A nova geração”, que apareceu na *Revista Brasileira*, quatro anos depois de publicado o livro *Americanas*: “Distinguia-o certa pompa, às vezes excessiva, certo intumescimento de ideia e de frase, um grande arrojo de metáforas, coisas todas que nunca jamais poderiam constituir virtudes de uma escola; por isso mesmo é que o movimento [a escola hugoísta] acabou” (ASSIS, 2008, p. 1262).

Vale a pena lembrar, no que diz respeito à poesia sobre jesuítas, que o crítico Machado de Assis, ao avaliar a obra de Fagundes Varela, depois da morte do poeta, em 20 de agosto de 1875, e depois de ter ouvido “um canto do ‘Evangelho nas selvas’”, afirmou que essa obra “será certamente a obra capital de Varela; virá colocar-se entre outros filhos da mesma família, o ‘Uruguai’ e ‘Os Timbiras’, entre os ‘Tamoios’ e o ‘Caramuru’” (ASSIS, 2008, p. 1217). Vale a pena lembrar, também, que, em *Ocidentais*, retornam os jesuítas, através da figura de “José de Anchieta” (ASSIS, 1976, p. 478-479).

Avaliando *Americanas*, por ocasião do lançamento das *Poesias completas*, escreveu José Veríssimo, com muita justiça: “... o seu modo [de Machado de Assis] de considerá-los [os temas indianistas] é outro que o daqueles [Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, José de Alencar], de puro artista desinteressado” (VERÍSSIMO, 1977, p. 56).

Machado de Assis tinha visão clara da “fatalidade histórica” no encontro entre europeus e “tribos indígenas”, que resultou no desaparecimento delas “da região que por tanto tempo fora sua” (ASSIS,

2008, p. 1204-1205).<sup>3</sup> Não é, portanto, protesto nem denúncia “A visão de Jaciúca”, poema de *Americanas*, mas visão poética dessa fatalidade – numa perspectiva, aliás, que Gonçalves Dias já criara em “O canto do Piaga”. Confrontem-se algumas passagens dos dois autores:

Lívido e curvado,  
Içaíba a meus olhos aparece.  
Vi-o qual era antes da fria morte;  
Só a expressão do rosto lhe mudara;  
Enérgicas não tinha, mas serenas  
As feições. ‘Vem comigo!’ Assim me fala  
O extinto bravo; e, súbito estreitando  
Ao peito o corpo do saudoso amigo,  
Juntos voamos à região das nuvens.  
‘Olha!’ disse Içaíba, e o braço alonga  
Para a terra. Ó guerreiros! largo espaço  
Era presa de alheio senhorio.  
Fitei os olhos mais; e pouco a pouco,  
Como enche o rio e todo o campo alaga,  
Umhas gentes estranhas se estendiam  
De sertão em serão. Presas do fogo  
As matas vi, abrigo do guerreiro,  
E ao torvo incêndio e às invasões da morte  
Vi as tribos fugir, ceder a custo,  
Com lágrimas alguns, todos com sangue,  
A virgem terra ao bárbaro inimigo.  
Mau vento os trouxe de remota praia  
Aqueles homens novos, jamais vistos  
De guerreiro ancião, a quem não coube  
Sequer a glória de morrer contente  
E todo reviver na ousada prole.  
Era o termos da vida que chegara  
Ao povo de Tupã!  
[...]

II  
Por que dormes, ó Piaga divino?  
Começou-me a visão a falar,  
Por que dormes? O sacro instrumento  
De per si já começa a vibrar.  
[...]

III  
Pelas ondas do mar sem limites  
Basta selva, sem folhas, i vem;  
Hartos troncos, robustos, gigantes;  
Vossas matas tais monstros contêm.

Traz embira dos cimos pendente  
– Brenha espessa de vário cipó –  
Dessas brenhas contêm vossas matas,  
Tais e quais, mas com folhas; é só!

[...]  
Oh! quem foi das entranhas das águas,  
O marinho arcabouço arrancar?  
Nossas terras demanda, fareja...  
Esse monstro... – o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?  
Não sabeis a que vem, o que quer?  
Vem matar vossos bravos guerreiros,  
Vem roubar-vos a filha, a mulher!

<sup>3</sup> As expressões entre aspas foram utilizadas, para referência a esses acontecimentos históricos, por Machado de Assis, em “Notícia da atual Literatura Brasileira – Instinto de nacionalidade”.

Ao dissipar-se a nuvem de meus olhos	[...]
Achei-me junto do vizinho rio,	Vem trazer-vos algemas pesadas,
Reclinado como antes, e defronte	Com que a tribo Tupi vai gemer;
A pálida figura de Içaíba.	Hão de os velhos servirem de escravos
‘– Torna à taba, me disse o extinto moço;	Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!
‘Luas e luas volverão no espalho	
‘Antes da morte, mas a morte é certa,	Fugireis procurando um asilo,
‘E terrível será. Nação bem outra,	Triste asilo por ínvio sertão;
‘Sobre as ruínas da valente raça	Anhangá de prazer há de rir-se,
‘Virá sentar-se, e brilhará na terra	Vendo os vossos quão poucos serão
‘Gloriosa e rica. Uma chorada lágrima,	(DIAS, 1944, p. 28-31)
‘Talvez, talvez, no meio de triunfos	
‘Há de ser a tardia, escassa paga	
‘Da morte nossa.	

(ASSIS, 1976, p. 402-406)

Miriã Xavier Benício atribui à poesia de Machado de Assis “severa crítica” à ação colonizadora e civilizadora dos europeus, assim como um papel de “denúncia” da opressão dos indígenas pelo homem branco. Para ela, os textos de *Americanas* têm “motivos aparentes”, e é preciso reler a poesia machadiana “para além do valor estético” (BENÍCIO, 2007, p. 137). Tal afirmativa vai de encontro à ideia machadiana, que será examinada aqui, de que o Brasil necessitava de uma grande literatura, sobretudo de literatura desinteressada, artística por excelência.

Como se pode verificar nos trechos transcritos de “A visão de Jaciúca” e de “O canto do Piaga”, a visão machadiana, embora possa ser uma “tardia, escassa paga / Da morte nossa”, não desconhece a “nação bem outra”, que “brilhará na terra / Gloriosa e rica”, ao passo que o poema de Gonçalves Dias permanece atrelado ao ponto de vista da raça extinta. Há, evidentemente, mais “realismo”, e certa confiança no futuro, em Machado de Assis.

Em todos os casos em que a poesia de *Americanas* foi levada em conta por estudiosos, com a exceção de Miriã Xavier Benício, os intérpretes do poeta julgaram que o livro foi “adesão”, para muitos “adesão tardia”, ao indianismo – adesão, por consequência, ao nacionalismo literário, que, como veremos, assumiu formas diferentes no período

romântico e na época em que o poeta escreveu e publicou *Americanas*. Poesia interessada, portanto – segundo a visão da crítica tradicional.

Compreender o processo pelo qual o escritor se debruçou sobre esses temas e conciliou tal atitude com seu pensamento crítico e sua poética é um desafio – a obra não pode, simplesmente, ser tomada à letra, como “indianista”; não pode, tampouco, ser encarada como tomada de posição ideológica perante a história.

O contexto de elaboração da obra, as reflexões críticas do poeta, sua militância no processo de criação de uma literatura nacional – que sua época, como ele próprio, considerava em processo de formação – tudo isso há de ser levado em conta numa apreciação mais justa do valor e do significado desse livro aparentemente inusitado.

Os primeiros livros de Machado de Assis, especialmente os de poesia, *Crisálidas* e *Falenas*, foram recebidos de maneira positiva pela crítica, embora com certa reserva no tocante a um aspecto especial, que, ao que tudo indica, acabou na reação de que as *Americanas* são o resultado. Esse aspecto especial era a liberdade do poeta – que já vinha assinalada na “Conversação preliminar” – sob o título de “O poeta e o livro” –, de Caetano Filgueiras, que o autor incluiu em *Crisálidas*. “Sua musa [é] a liberdade” – proclamou ele (FILGUEIRAS, 1864, p. 13).

Amaral Tavares, ao resenhar *Crisálidas* no *Diário do Rio de Janeiro* de 16 de novembro de 1864, tocando no assunto, lembrou-se das crônicas que Machado de Assis escrevia naquele tempo e naquele jornal sob o título de “Ao acaso”:

Mas, por que razão há de o poeta deixar entrever a figura do folhetinista leviano que doudeja *ao acaso* por entre as anedotas e os acontecimentos, as notícias e as facécias, os sorrisos e as lágrimas, tocando apenas em cada um, sem se demorar em nenhum, esquecendo na linha seguinte o que escrevera na anterior? (TAVARES, 1864, p. 1, grifo do autor.)

Não deixa de haver uma ponta de reprovação nas observações de outro crítico, M. A. Major, publicadas em resenha na *Revista Mensal da Sociedade Ensaios Literários*, em 1º de novembro de 1864. Segundo ele, “a originalidade é o dote principal das *Crisálidas*”, e “a musa de

Machado de Assis é livre” (MAJOR, 1864, p. 210 e p. 211). Pôr a atenção na originalidade, ideia que anda casada à de liberdade, pode ser uma avaliação positiva, mas alude, paradoxalmente, a certa restrição entendida como vital para a literatura nacional e cobrada ao poeta por outros críticos – principalmente depois da confirmação dessas características (originalidade e liberdade) em *Falenas*. A restrição era feita ao pouco apego, ou mesmo apego nenhum, da musa machadiana às questões nacionais: “É pois a musa de Machado de Assis uma deusa – grega e romana, francesa e polaca, europeia e americana, é cosmopolita enfim. Não tem nacionalidade, à força de ser nacional em todo o mundo.” – escreveu o crítico (MAJOR, 1864, p. 211).

Apesar de certo grau de insatisfação com o resultado dos esforços do poeta, a crítica o reclamava para o panteão da poesia nacional. F. T. Leitão, na *Revista Mensal da Sociedade Ensaios Literários*, em junho de 1866, encerrava com estas palavras seu artigo, datado de outubro de 1864, sobre o primeiro livro de poesias do autor:

Machado de Assis pode ir muito além do que foi, pode possuir um lugar mais distinto do que aquele que ocupa entre os nossos verdadeiros poetas. Animado a seguir por esse trilho, e a conquistar o posto a que tem jus, cumpre-lhe, é de rigoroso dever, empregar seus incontestados recursos no empenho de concorrer para firmar-se mais solidamente, entre nós, o pedestal glorioso em o qual se deve colocar o emblema significativo da poesia nacional. (LEITÃO, 1866, p. 384)

O próprio Machado de Assis, em abril de 1858, no artigo intitulado “O passado, o presente e o futuro da Literatura”, que fez publicar em *A Marmota*, revelava-se pregoeiro da literatura nacional; Jean-Michel Massa afirmou, com razão, que, este ensaio, que chamou de “meditação”, “para definir a orientação e as opções da literatura brasileira, subentendia uma tomada de consciência nacionalista” (MASSA, 1971, p. 200). Nele, Machado de Assis deplorou a condição colonial, viu na poesia do passado “um caráter essencialmente europeu”, lamentou, concordando com Almeida Garrett, que Gonzaga, “um dos mais líricos poetas da língua portuguesa”, pintasse cenas da Arcádia, “em vez de dar uma cor



local às suas líras, em vez de dar-lhes um cunho puramente nacional” (ASSIS, 2008, p. 1003).

Naquele tempo, em que Machado de Assis se iniciava na crítica e na reflexão literárias, o esforço de nacionalização da literatura brasileira por seus contemporâneos era uma evidência. Gonçalves de Magalhães publicara poucos anos antes (em 1856) a *Confederação dos tamoios*, e José de Alencar vinha de publicar *O guarani* (1857). No ensaio já citado, entretanto, o futuro autor de *Dom Casmurro* não via no indianismo uma saída – embora reconhecesse que o precursor Basílio da Gama, pelo menos, fizera algo, “se não puramente nacional, ao menos nada europeu”:

Não era nacional porque era indígena, e a poesia indígena, bárbara, a poesia do *boré* e do *tupã*, não é a poesia nacional. O que temos nós com essa raça, com esses primitivos habitantes do país, se os seus costumes não são a face característica da nossa sociedade? (ASSIS, 2008, p. 1003, grifos do autor.)

O jovem escritor de 1858 começava a reflexão que desenvolveria mais tarde, incorporando nela todo o aprendizado da década de 1860, e que desembocaria, em 1873, no hoje celebrado artigo “Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade”, e, em 1875, nas *Americanas*. Essas duas são obras irmãs.

Foi duradoura e crescente a admiração de Machado de Assis por Basílio da Gama, sobre quem, no ensaio “A nova geração”, que publicou na *Revista Brasileira*, em 1879, escreveu:

Bem diversa [da obra de Gonzaga] é a obra capital de Basílio da Gama. Não lhe falta, também a ele, nem sensibilidade, nem estilo, que em alto grau possui; a imaginação é grandemente superior à de Gonzaga, e quanto à versificação nenhum outro, em nossa língua, a possui mais harmoniosa e pura. (ASSIS, 2008, p. 1263)

Como se vê, ele aproxima os mesmos dois poetas, sempre em proveito de Basílio da Gama. Outro aspecto da reflexão machadiana sobre a literatura brasileira, que se prolonga no tempo, é a compreensão de que o processo histórico-literário é lento, que a autonomia intelectual e artística não é coisa que se alcance de um só golpe. No artigo de 1858, ele tinha

escrito: “É mais fácil regenerar uma nação, que uma literatura. Para esta não há gritos do Ipiranga; as modificações operam-se vagarosamente; e não se chega em um só momento a um resultado.” (ASSIS, 2008, p. 1004); no de 1873, repetiu: “Esta outra independência [a da literatura] não tem Sete de Setembro nem campo do Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo” (ASSIS, 2008, p. 1203).

Jean-Michel Massa observou que no ensaio de 1858, “em que já se encontra a maioria dos pensamentos com que ele assentou o imponente edifício de sua reflexão crítica”, Machado de Assis não abordou “diretamente, os problemas estéticos da literatura” (MASSA, 1971, p. 201-202). No artigo de 1873, contudo, além de ajustar sua posição em relação à temática indianista, aparece, em conexão com ela, a questão estética e o reconhecimento de que ela, a temática indianista, fornecia uma espécie de espinha dorsal à literatura brasileira, pelo estabelecimento, já reconhecível naquela época, de uma tradição interna.

Quanto a seu reposicionamento em relação à questão indianista, escreveu Machado de Assis, mais ponderadamente do que antes:

Houve depois [do desenvolvimento da literatura indianista] uma espécie de reação. Entrou a prevalecer a opinião de que não estava toda a poesia nos costumes semibárbaros anteriores à nossa civilização, o que era verdade, – e não tardou o conceito de que nada tinha a poesia com a existência da raça extinta, tão diferente da raça triunfante, – o que parece um erro. (ASSIS, 2008, p. 1204)

Embora continuasse reconhecendo que “a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo algum”, e que não podia vir daí “os títulos da nossa personalidade literária”, Machado de Assis passou a admiti-lo no quadro da literatura brasileira. Entretanto, segundo a nova perspectiva, a importância literária não residia no elemento inspirador, mas na qualidade estética do produto ou da criação: “tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as condições do belo ou os elementos de que ele se compõe” (ASSIS, 2008, p. 1204).

Outro fator que aumentava a importância da literatura indianista era a sua ligação com o presente (estamos em 1873). Os autores citados por ele são, principalmente, os que adotaram a temática indianista. Machado de Assis iniciou assim o seu ensaio:

Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há como negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro. As tradições de Gonçalves Dias, Porto-Alegre e Magalhães são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madrega, como aqueles continuaram as de José Basílio da Gama e Santa Rita Durão. Escusado é dizer a vantagem desse universal acordo. Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional. (ASSIS, 2008, p. 1203)

Esse “instinto de nacionalidade”, esforço por “vestir-se com as cores do país”, esse “geral desejo de criar uma literatura mais independente” tinha sua contraparte na seguinte constatação: a literatura brasileira é “literatura que não existe ainda, que mal poderá ir alvorecendo agora.” (ASSIS, 2008, p. 1204). A literatura se constituía aos poucos, mas já dispunha de uma tradição própria, tradição em que a literatura indianista ocupava lugar de destaque. O crítico, porém, apontava outras fontes: a “vida brasileira”, a “natureza americana”, “os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo” (ASSIS, 2008, p. 1205).

Outro ponto que passou por revisão, na interpretação de Machado de Assis, foi a situação dos poetas que não se alinharam com a mencionada tradição. A condenação de poetas como Gonzaga, por exemplo, por não terem se desligado dos “preceitos do tempo”, por terem representado cajados e pastoras em seus poemas, foi relativizada: “nisto [nesta condenação] há mais erro que acerto” (ASSIS, 2008, p. 1203). No ensaio de 1858, Machado de Assis endossara essa condenação, sem que lhe passasse pela mente outra possível perspectiva. A reflexão machadiana,

no entanto, avançou, e alcançou, assim, o princípio apregoado por Santiago Nunes Ribeiro, no ensaio “Nacionalidade da literatura brasileira”, publicado na *Minerva Brasiliense*, em 1843: o de que “não é lícito exigir de um século aquilo que ele não pode dar” (RIBEIRO, 1980, p. 51). O critério estético, o valor da poesia de Gonzaga, passou a prevalecer. E quanto aos temas nacionais, o crítico de 1873 foi claro: “Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura” (ASSIS, 2008, p. 1205). Não se pode negar que na crítica machadiana, em estudo tão multifacetado, existam matizes dialéticos.

Em “O ideal do crítico”, artigo de 1865, publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, no desejo de “uma grande literatura” para o Brasil, Machado de Assis já sobrepunha o critério estético de avaliação das obras a quaisquer outros: “as leis poéticas, – tão confundidas hoje, e tão caprichosas, – seriam as únicas pelas quais se aferisse o merecimento das produções” (ASSIS, 2008, p. 1104). A estética, o universalismo da obra analisada e do critério de análise, parecia justificar a atuação do crítico (Machado de Assis) quando criador.

Quando, em 1870, Machado de Assis publicou *Falenas*, o cerco em torno dele como que se fechou. Era hábito da crítica – nem o próprio Machado de Assis, como crítico, escapara dele – adotar, como critério de julgamento das obras que apareciam, o valor que elas assumiam ou o lugar que passavam a ocupar na composição do quadro da literatura nacional.

Em sua atividade de crítico, antes de 1873, e mesmo depois, Machado de Assis frequentemente lançava mão desse critério, avaliando a posição e o significado das obras que julgava no quadro geral da literatura brasileira. A contribuição de cada obra analisada era quase sempre assinalada pelo crítico, e, quando a obra não era de todo satisfatória, especialmente no caso de autores jovens, manifestava, ainda assim, a esperança de mais importantes contribuições desses autores no futuro.

Ao resenhar *Flores e frutos*, de Bruno Seabra, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 30 de junho de 1862, depois de apontar as qualidades que via na obra, sem deixar de mencionar, como era seu costume, alguns

senões, escreveu ele, a caminho do encerramento do texto: “Reservas à parte, as *Flores e Frutos* do Sr. B. Seabra revelam um talento que se não deve perder e que o poeta deve às musas pátrias” (ASSIS, 2008, p. 1052). Em matéria dedicada à obra *A Constituinte perante a história*, de Homem de Melo, publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, de 24 de agosto de 1863, queixou-se do fato de não ter literatura para comentar:

Olho em torno de mim e não vejo mais na arena aquela plêiade ardente que vinha todas as semanas, ao rés-do-chão, entrar nas justas literárias. Uns, levou-os a morte, outros prendem-se a cuidados mais sérios, alguns enfim foram-se para as justas políticas, e o folhetim, o garrido, o ameno, o viçoso folhetim perdeu os seus amigos e os seus leitores. (ASSIS, 2008, p. 1058)

Sobre o romance *Culto do dever*, de Joaquim Manuel de Macedo, que execrou, escreveu ele, no mesmo *Diário do Rio de Janeiro*, em 16 de janeiro de 1866:

O *Culto do dever* é um mau livro, como a *Nebulosa* é um belo poema. Esta será a linguagem dos amigos do poeta, a linguagem dos que amam deveras as boas obras, e almejam antes de tudo, o progresso da literatura nacional.

[...]

Pelo que diz respeito às letras, o nosso intuito é ver cultivado, pelas musas brasileiras, o romance literário, o romance que reúne o estudo das paixões humanas aos toques delicados e originais da poesia, – meio único de fazer com que uma obra de imaginação, zombando do açoite do tempo, chegue inalterável e pura, aos olhos severos da posteridade. (ASSIS, 2008, p. 1111)

Os “toques delicados e originais da poesia”, que conduzem uma obra à posteridade, é o que hoje chamaríamos de valor estético ou qualidade artística.

De José de Alencar, a propósito de *Iracema*, obra a que chamou de “poema”, afirmou, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 23 de janeiro de 1866, que “obrigou-se o autor a entrar mais ao fundo da poesia americana” e que “entendia ele, e entendia bem, que a poesia americana

não estava completamente achada”. E, ao encerrar o estudo elogioso da obra, expressou seu desejo e sua esperança: “Que o autor de *Iracema* não esmoreça, mesmo a despeito da indiferença pública; o seu nome escreve-se hoje com letras cintilantes: *Mãe, O Guarani, Diva, Luciola*, e tantas outras; o Brasil tem o direito de pedir-lhe que *Iracema* não seja o ponto final” (ASSIS, 2008, 1112 e p. 1116).

Uma semana depois de ocupar-se de *Iracema*, a 30 de janeiro de 1866, no mesmo jornal, dedicou-se o crítico às *Inspirações do claustro*, de Junqueira Freire, que morrera em 1855, e terminou com estas palavras o artigo: “Quis Deus que ele morresse na flor dos anos, legando à nossa pátria a memória de um talento tão robusto quanto infeliz” (ASSIS, 2008, p. 1120). Mais uma semana, e, a 6 de fevereiro de 1866, referindo-se aos *Cantos e fantasias*, de Fagundes Varela, incluindo no raciocínio o prefaciador da obra, registrou:

Nisto [nos aplausos e animações aos talentos jovens] o Sr. Ferreira de Meneses, autor do prefácio que acompanha os *Cantos e Fantasias*, é um órgão fiel do pensamento de todos; e saudando esta reunião, no mesmo livro, de dois nomes prestimosos, de dois moços de talento, saudamos ao mesmo tempo o progresso da academia e o futuro das letras brasileiras. (ASSIS, 2008, p. 1121)

Ainda sem leitura da obra toda, pois o livro, impresso em Berlim, não chegara ao Rio de Janeiro, conhecendo apenas os cantos divulgados na imprensa periódica, mais promessa de análise do que análise propriamente dita, entusiasmou-se o crítico com o *Colombo*, de Araújo Porto-Alegre, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 5 de junho de 1866: “O assunto de *Colombo* devia ser tratado por um americano; folgamos de ver que esse americano é filho deste país. Não é somente o seu nome que fica ligado a uma ideia grandiosa, mas também o nome brasileiro” (ASSIS, 2008, p. 1158).

Os olhos do crítico estão sempre voltados para o futuro, a esperança de uma literatura é seu alimento. Quando se volta para o passado, é para reconhecer isto, que deixou no “Instinto de Nacionalidade”: “Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e

outros é que se enriquece o pecúlio comum” (ASSIS, 2008, p. 1211). E mais isto, que nos ficou em “A nova geração”, de 1879:

A nova geração chasqueia às vezes do romantismo. Não se pode exigir da extrema juventude a exata ponderação das coisas; não há impor a reflexão ao entusiasmo. De outra sorte, essa geração teria advertido que a extinção de um grande movimento literário não importa a condenação formal e absoluta de tudo o que ele afirmou; alguma coisa entra e fica no pecúlio do espírito humano. (ASSIS, 2008, p. 1259)

Muitas vezes sentiu o poeta que tinha de arcar sozinho com o projeto de uma literatura nacional. Muito sacrificou ele por esse ideal. Na “Advertência” que redigiu para “O Almada”, longo poema heróico-cômico que compunha por volta de 1875 e deixou praticamente inédito (exceto por uns poucos trechos a que deu publicidade), Machado de Assis justificou sua composição, inspirado, diga-se, em assunto tirado de nossa história do período colonial, pela “ambição de dar às letras pátrias um primeiro ensaio nesse gênero difícil” (ASSIS, 2008, p.783).

De acordo com esse raciocínio, pode-se vislumbrar um sentido novo no fato de ele – reconhecendo que os romances dedicados “à análise de paixões e caracteres são muito menos comuns [do que os de costumes]” (ASSIS, 2008, p. 1207) entre nós – ter-se dedicado justamente a essa espécie romanesca. E ainda, no tocante ao conto, “esse gênero difícil” – verificando que, na literatura brasileira, “tem havido tentativas mais ou menos felizes, porém raras” (ASSIS, 2008, p. 1207) –, levou ele à perfeição, com esforço paciente, essa forma literária.

Quando publicou *Falenas*, em 1870, o cerco a ele fechou-se de vez. Elogiado em seus aspectos técnicos, o livro deu oportunidade aos críticos de lhe cobrarem uma contribuição mais efetiva à literatura brasileira. À perfeição formal dos poemas de *Falenas*, contrapôs a crítica a ausência, no livro, de caráter nacional. Artigo publicado sem assinatura em *A Reforma*, em 29 de janeiro de 1870, mas que Ubiratan Machado (2003, p. 71) atribuiu a Joaquim Serra, elogia a competência do artista, que “sabe vestir a ideia da melhor maneira”, aponta, na poesia do autor, “a presença de três qualidades clássicas: simplicidade, clareza e naturalidade, a par

da graça e majestade antiga”, reconhece o valor das “poesias chinesas”, e, embora reconheça “abundância meridional”, linguagem “rica como o sol e as florestas tropicais” em algumas composições da primeira parte do livro, reclama, no tocante a “Pálida Elvira”, a ausência de “cunho brasileiro” (SERRA, 2003, p. 72).

Luís Guimarães Júnior – que tivera seu livro *Corimbos* elogiosamente resenhado por Machado de Assis, em texto assinado apenas com a inicial M., na *Semana Ilustrada*, em 2 de janeiro de 1870 (ASSIS, 2008, p. 1183-1185) –, em esplêndido artigo publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, em 5 de fevereiro do mesmo ano, como Joaquim Serra reconhecendo as qualidades estéticas do livro, respondendo afirmativamente às perguntas “É um bom livro do Sr. Machado de Assis? É um volume agradável?”, sentiu-se na obrigação de responder com um “Não” a esta outra pergunta: “Uma obra útil?” Também ele lastimou que o poeta “não incutisse nesse admirável idílio [“Pálida Elvira”] um sainete completamente do nosso tempo e de nosso país”. Sua crítica, porém, se estende a todo o volume:

O principal e o único defeito dessa esmeradíssima coleção das *Falenas* é a ausência do espírito pátrio, a falta de inspiração característica.

[...]

A musa do Sr. Machado de Assis não é sua e do país; convém ser mais do que homem de letras, é mister que sob a lira do poeta palpite o coração do brasileiro. (GUIMARÃES JÚNIOR, 2009, p. 678-690)

Ainda outro crítico vindo do norte, em início de carreira, julgando ver no desejo ardente do poeta “de evitar a mais insignificante falha na forma” a causa principal da “atrofia do pensamento”, não deixou de fazer restrições semelhantes ao livro. O crítico que publicou a resenha na seção “Folhetim” do periódico *Dezesseis de Julho*, em 6 de fevereiro de 1870, com o pseudônimo de Oscar Jagoanharo, era Araripe Júnior. (ARARIPE JÚNIOR, 1970, p. 219-224) No penúltimo parágrafo do texto, escreveu ele:



Justíssimas queixas deveria expor ao seu autor [de *Falenas*] pela ingratidão com que se tem havido para com este tão formoso Brasil, para com este tão prolífico solo ao qual deve a vigorosa imaginação que possui; longas increpações teria de fazer, pela manifesta preferência que vota ao grito da cigarra de Anacreonte sobre o melodioso canto do sabiá [...]. (JAGOANHARO [ARARIPE JÚNIOR], 2009, p. 693)

Movido pela preocupação com a questão da literatura nacional, que se pode ver claramente também na crítica machadiana (isto é, na crítica feita por Machado de Assis), foi por volta de 1870 que ele começou a frequentar, por leituras e pela prática poética, os assuntos brasileiros. Começavam a brotar as *Americanas*. Raimundo Magalhães Júnior considerou provável que o interesse de Machado de Assis por temas brasileiros procedesse dos conselhos da crítica – especialmente a de Luís Guimarães Júnior (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, p. 91).

Data do início dessa década o interesse de Machado de Assis pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, naquele tempo a mais importante instituição cultural do país. Segundo Raimundo Magalhães Júnior, foi Manuel de Araújo Porto-Alegre o incentivador das pesquisas sobre o passado brasileiro, para dele tirar matéria de poesia; e foi Joaquim Norberto de Sousa Silva, então terceiro vice-presidente do Instituto, o mediador na concessão a Machado de Assis, por solicitação deste, de uma coleção completa dos volumes publicados da *Revista do Instituto*, coleção que já contava 39 grossos volumes (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, p. 109-114).

Mesmo ao abordar um tema alheio à nacionalidade, mas que lhe era caro e que foi recorrente em sua obra, como o da predileção pelas horas noturnas para o trabalho, o poeta se valeu, em *Americanas*, de um símile nacional – a “Flor do embiroçu”:

Quando a noturna sombra envolve a terra  
E à paz convida o lavrador cansado,  
À fresca brisa o seio delicado  
A branca flor do embiroçu descerra.

E das límpidas lágrimas que chora  
 A noite amiga, ela recolhe alguma;  
 A vida bebe na ligeira bruma,  
 Até que rompe no horizonte a aurora.

Então, à luz nascente, a flor modesta,  
 Quando tudo o que vive alma recobra,  
 Languidamente as suas folhas dobra,  
 E busca o sono quando tudo é festa,

Suave imagem da alma que suspira  
 E odeia a turba vã! da alma que sente  
 Agitar-se-lhe a asa impaciente  
 E a novos mundos transportar-se aspira!

Também ela ama as horas silenciosas,  
 E quando a vida as lutas interrompe,  
 Ela da carne os duros elos rompe,  
 E entrega o seio às ilusões viçosas.

[...]

Noite, melhor que o dia, quem não te ama?  
 Labor ingrato, agitação, fadiga,  
 Tudo faz esquecer tua asa amiga  
 Que a alma nos leva onde a ventura a chama.

Ama-te a flor que desabrocha à hora  
 Em que o último olhar o sol lhe estende,  
 Vive, embala-se, orvalha-se, rescende,  
 E as folhas cerra quando rompe a aurora. (ASSIS, 1976, p. 414-415)

E não foi nacional apenas o objeto escolhido para símile da vida espiritual que sustenta a criação artística; também a fonte utilizada o foi. Com toda probabilidade, a ideia do poema foi sugerida ao poeta pela informação que vem no *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Sousa, que Francisco Adolfo de Varnhagen fizera publicar no

tomo XIV (da 1ª série) da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em 1851. Diz o tratadista dos tempos coloniais:

Dão essas árvores umas flores brancas como cebola-cecém muito formosas, e da mesma feição, que estão fechadas da mesma maneira, as quais se abrem como se põe o sol, e estão abertas até pela manhã, enquanto lhe não dá o sol; e como lhe chega se tornam a fechar, e as que são mais velhas caem no chão; cujo cheiro é suave, mas muito mimoso; e como apertam com elas não cheiram. (SOUSA, 1851, p. 212)

A possibilidade de ter sido essa a fonte do poeta é enorme, se nos lembrarmos que outros poemas de *Americanas* vêm dessa fonte. “Niâni”, por exemplo, encantadora sequência de quadras heptassilábicas, é transfiguração da tosca prosa de Francisco Rodrigues do Prado (1839, p. 21-44), na “História dos índios cavaleiros ou da nação guaicurú”, que apareceu no t. I da mesma *Revista...*, em 1839. O poema, único em versos de redondilha maior em todo o livro, lembra as baladas medievais e começa assim:

Contam-se histórias antigas  
Pelas terras de além-mar,  
De moças e de princesas,  
Que amor fazia matar.

Mas amor que entranha n’alma  
E a vida sói acabar,  
Amor é de todo o clima,  
Bem como a luz, como o ar.

Morrem dele nas florestas  
Aonde habita o jaguar,  
Nas margens dos grandes rios  
Que levam troncos ao mar.

Agora direi um caso  
De muito penalizar,  
Tão triste como os que contam  
Pelas terras de além-mar. (ASSIS, 1976, p. 370-372)

A consciência crítica do poeta o levou à reflexão: criticado pela liberdade (excessiva) de sua musa, pelo fato de ela não ser brasileira, preparou-se para o enfrentamento, numa obra poética, das questões vitais da literatura brasileira; reconheceu que a tradição interna dela vinha da literatura localista; leu os clássicos, queixou-se de não se lerem “muito os clássicos no Brasil” (ASSIS, 2008, p. 1210); tornou-se o artista da palavra mais importante do país; quis para o Brasil uma literatura rica e grande; assumiu a exigência do nível estético das criações literárias como critério de permanência; procurou conciliar dialeticamente localismo e cosmopolitismo, reconhecendo que, ao mesmo tempo que “tudo é matéria de poesia”, não se podia estabelecer, no quadro teórico ou programático da literatura brasileira, “doutrinas tão absolutas que a empobrecem” (ASSIS, 2008, p. 1205). Foi assim que o poeta se deu ao trabalho de criar um livro de “poesia nacional” – já que ele era livre, poderia também fazê-la, por opção sua. Porém, a única demanda a que procurou atender foi a de produzir arte desinteressada. A aparente limitação temática foi posta a serviço de seu avesso: o fato de que tudo pode ser matéria de poesia. Em outras palavras: o localismo foi posto a serviço do cosmopolitismo.

A temática americana, a que alude o título do livro, serviu ao poeta de campo para o exercício da sua liberdade de criação. Não aderiu ele, com a poesia desse livro, ao indianismo; fez poesia, pura e simplesmente – de temática local, é verdade; porém, com o objetivo primeiro de fazer poesia digna desse nome. Poder-se-ia dizer, parafraseando o crítico daquele tempo, que “à força de ser nacional em todo o mundo”, ele foi também nacional em sua pátria.

## Referências

ARARIPE JÚNIOR. *Obra crítica de Araripe Júnior*. Direção de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1970. v. 5.

ASSIS, M. de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

ASSIS, M. de. *Poesias completas*. Edição crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, M. de. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 3.

BANDEIRA, M. Apresentação da poesia brasileira. In: GUIMARÃES, J. C. (Org.). *Seleção de prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 361-467.

BENÍCIO, M. X. *Do sublime e do simples: a poesia de Machado de Assis*. Varginha: Alba, 2007.

CARDOSO, W. *Tempo e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: Estabelecimentos Gráficos Santa Maria, 1958.

DIAS, G. *Obras poéticas de A. Gonçalves Dias*. Organização, apuração do texto, cronologia e notas por Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. v. 6, t. 2. (Livros do Brasil)

FILGUEIRAS, C. O poeta e o livro: conversação preliminar. In: ASSIS, M. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1864, p. 7-20.

GUIMARÃES JÚNIOR, L. Literatura/Estudos literários. In: ASSIS, M. de. *A poesia completa*. Organização de Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009. p. 678-690.

JAGOANHARO, O. [ARARIPE JÚNIOR]. Falenas: versos de Machado de Assis. In: ASSIS, M. de. *A poesia completa*. Organização de Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009. p. 691-693.

JOBIM, J. L. Machado de Assis e o nacionalismo: o caso das *Americanas*. In: FANTINI, M. (Org.). *Crônicas da antiga corte: literatura e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 105-121.

LEAL, C. M. *O círculo virtuoso: a poesia de Machado de Assis*. Brasília: Ludens, 2008.

LEITÃO, F. T. Crisálidas: volume de poesias de Machado de Assis. *Revista da Sociedade Ensaio Literários*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 378-384, jun. 1866.

MACHADO, U (Org.). *Machado de Assis: roteiro da consagração (crítica em vida do autor)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. v. 4.

MAJOR, M. A. Crisálidas (Machado de Assis). *Revista da Sociedade Ensaio Literários*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 207-216, nov. 1864.

MASSA, J. *A juventude de Machado de Assis – 1839-1870 – ensaio de biografia intelectual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

PEREIRA, L. M. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6. ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

PRADO, F. R. do. História dos índios cavaleiros ou da nação guaicuru. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. I, p. 21-44, 1839.

RIBEIRO, S. N. Da nacionalidade da literatura brasileira. In: COUTINHO A. (Org.). *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Pallas, 1980. p. 42-73, v. 1.

SERRA, J. Falenas. In: MACHADO, U. (Org.). *Machado de Assis: roteiro da consagração (crítica em vida do autor)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003. p. 71-73.

SOUSA, G. S. de. Tratado descritivo do Brasil em 1587. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. XIV, p. 13-423, 1851.

TAVARES, A. Crisálidas. A Quintino Bocaiuva. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, p. 1, nov. 1864.

VERÍSSIMO, J. O Sr. Machado de Assis, poeta. In: \_\_\_\_\_. *Estudos de literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977. p. 51-59.

Recebido em: 10 de agosto de 2017.

Aprovado em: 18 de outubro de 2017.